



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**  
<http://www.cecs.uminho.pt>

---

**Da utopia da comunicação à comunicação sem utopia.  
Metamorfose no sistema e nas relações de  
comunicação nos últimos trinta anos em Portugal\***

---

**Moisés de Lemos Martins**

Professor Catedrático

[moisesm@ics.uminho.pt](mailto:moisesm@ics.uminho.pt)

Universidade do Minho  
*Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*  
Campus de Gualtar  
4710-057 Braga  
Portugal

2004

---

\*Intervenção na primeira sessão plenária do V.º Congresso Português da Associação Portuguesa de Sociologia, realizado por esta Associação na Universidade do Minho, de 12 a 15 de Maio de 2004, a ser publicada nas Actas. Tema da sessão Plenária: *Sociedade Portuguesa: 30 anos de Transformações Sociais*. Participaram nesta sessão, além de Moisés de Lemos Martins, Engrácia Leandro, João Ferreira de Almeida, João Freire, Manuel Villaverde Cabral, Maria de Lourdes Lima dos Santos.

**Resumo**

Debatemos, de um modo sintético e esquemático, as mudanças ocorridas em Portugal, ao longo dos últimos trinta anos, na comunicação em geral e no panorama dos *media* em particular. Defendemos o ponto de vista de que se passou, em Portugal, através de mudanças efectivas no sistema de comunicação social, e também de metamorfoses acentuadas na atmosfera da vida social e política, de uma *utopia da comunicação*, que é, na realidade, uma *utopia de comunidade*, a uma *comunicação sem utopia*, ou seja, manifestamente, a um *simulacro de comunidade*.

**Da utopia da comunicação à comunicação sem utopia. Metamorfose no sistema e nas relações de comunicação nos últimos trinta anos em Portugal\*.****1. Utopia e simulacro**

Ao esboçar o quadro de tão abrangente quão complexa realidade, como seja debater, de um modo sintético e esquemático, as mudanças ocorridas na comunicação em geral, e no panorama dos *media* em particular, ao longo dos últimos trinta anos, defendo o ponto de vista de que passámos em Portugal, através de mudanças efectivas no sistema de comunicação social, e também de metamorfoses acentuadas na atmosfera da vida social e política, de uma *utopia da comunicação*, que é, na realidade, uma *utopia de comunidade*, a uma *comunicação sem utopia*, ou seja, manifestamente, a um *simulacro de comunidade*.

**2. A nossa modernidade**

Esta transformação do sentido da comunicação, em Portugal, acompanha, evidentemente, a constituição e o desenvolvimento do sistema mediático na época contemporânea. Se interrogarmos o que significam deste ponto de vista os anos oitenta e noventa nas sociedades cosmopolitas e industriais, dar-nos-emos conta de que estes anos conhecem um inusitado e fulgurante desenvolvimento das indústrias culturais. Não falo apenas dos produtos culturais de massa, designadamente da televisão ou do cinema. Refiro-me também aos multimédia e à sua crescente integração, através do computador e dos sistemas sem fios, como acontece hoje, por exemplo, com os telemóveis. A terceira vaga anunciada por Alvin Tofler caracteriza-se pela desmassificação da cultura, pela pluralidade de públicos e de mercados, e também pela

---

\* Agradeço os comentários feitos e as sugestões dadas pelos meus colegas Bragança de Miranda, Manuel Pinto, Helena Sousa e Felisbela Lopes.

integração de fenómenos como as artes, a publicidade, a moda, a música, a dança, o turismo e as férias, no espaço da cultura mediática.

Com uma origem modesta na Guerra Fria e nas redes universitárias, a informática e a electrónica foram mobilizadas, depois do colapso do bloco soviético, em finais dos anos oitenta, para formarem a sociedade da informação, ou das redes. Na consequência deste processo, a Internet passou para o centro de uma cultura cada vez mais cosmopolita e intensificou-se a globalização das economias e dos mercados.

Caracterizando a sociedade moderna na actual fase do seu desenvolvimento, Gianni Vattimo (1991: 12) fala da nossa sociedade como de uma “sociedade da comunicação generalizada”. Procurando explicá-la melhor, Manuel Castells (2002) utiliza, por sua vez, a metáfora da “rede”. E diz o seguinte: vivemos “um período caracterizado pela transformação da nossa ‘cultura material’ operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias da informação” (Castells, 2002: 33). No conceito de tecnologias da informação, Castells inclui “o conjunto convergente de tecnologias em micro-electrónica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/rádiodifusão e óptico-electrónica”, e até a engenharia genética e as suas aplicações (*Ibid.*: 34).

Sempre na tentativa de uma melhor caracterização da sociedade moderna, Lash e Urry (1994: 16) falam, por sua vez, de “paradigma do vídeo” e Olivier Donnat (1994: 284) de “cultura do ecrã”. E há quem fale de cultura digital, como, por exemplo, Howard Rheingold, Peter Weibel e Derrick de Kerckhove, e de cibercultura, de que lembro Donna Haraway, Mark Dery, Steven Shaviro, Jean Baudrillard, Pierre Lévy e Paul Virilio.

A viver, é um facto, de pleno direito, desde Abril de 1974, a sua condição de país democrático no convívio das nações livres e democráticas da Europa e do mundo, Portugal guindou-se à condição de país moderno em 1986, com a adesão à Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia, e vive, como todas as sociedades modernas, uma cada vez mais obsessiva fixação no paradigma comunicacional. O Estado Novo havia impedido o mais que pudera essa abertura. Mas nas novas condições políticas, com a proliferação de jornais, a liberalização da Rádio e da Televisão, os modos de controlo e de censura então existentes tornaram-se obsoletos. Entretanto, em Junho de 1995, cria-se a RTP Internacional, e em Março de 1997, a RTP África. O ensino da

Comunicação chegara, por sua vez, à Universidade, em 1979, com a primeira licenciatura a ser criada na Universidade Nova de Lisboa<sup>1</sup>.

Pode dizer-se, sim senhor, que, também em Portugal, o desenvolvimento das indústrias culturais, que incluem os *media*, tornou hegemónica no nosso tempo a cultura mediática. A culminação deste processo fez confluír, num mesmo sentido, a comunicação, o consumo e o lazer, fechando deste modo o ciclo da estruturação de Portugal como sociedade moderna.

Convocando as palavras de Augusto Santos Silva (2002, 146), penso que tem sentido afirmar que a confluência do consumo, do lazer e da comunicação fecha o ciclo da nossa modernidade, em todos os seus aspectos: no plano das rotinas da acção; nos ritmos do espaço e do tempo; nos padrões de conhecimento e de reflexividade; no contexto da nossa relação com os outros; enfim, nos valores e símbolos que organizam a nossa vida de todos os dias.

Assim, se aceitarmos a caracterização que Edgar Morin (1994.: 329-335) faz da cultura de massas para os anos que vão de 1910 a 1970, haverá que falar hoje de uma passagem acelerada para uma atmosfera pós-moderna na sociedade ocidental, sem que, todavia, se tenha verdadeiramente desenvolvido em Portugal nesses anos uma cultura de massas, o que explica que a cultura e a arte pop mal tenham tido importância entre nós. Todavia, entrando em aceleração pelos anos setenta e oitenta, Portugal desenvolveu em pouco tempo uma cultura de massas e desembocou neste mundo, largamente globalizado e centrado na exploração de novos suportes e de novas formas de comunicação. Refiro-me à generalização dos telemóveis, cujos modelos mais avançados tecnologicamente permitem o registo fotográfico, o registo fílmico, a ligação *on line wireless* e a escrita em *word*, que se vulgarizou como as velhas máquinas de escrever. Refiro-me igualmente ao computador, às consolas de jogos electrónicos, às *cassettes* áudio, ao DVD, ao multimédia, ao *on line* e ao ciberespaço.

É indubitável, portanto, também em Portugal, a presença maciça do computador na cultura. Essas novas possibilidades de interacção electrónica e *wireless* têm

---

<sup>1</sup> Actualmente existem vinte e sete cursos superiores na área das Ciências da Comunicação, em vinte e uma instituições do ensino superior universitário e politécnico. As respectivas vagas de ingresso perfaziam o total de 1243 alunos, no ano lectivo de 2003/2004. Em 1998, foi fundada a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom). Em 1999, realizou-se na Gulbenkian o primeiro Congresso desta Associação. Em Abril de 2004, realizou-se na Covilhã o VI Congresso Lusófono e o II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação. Em Outubro de 2003, são pela primeira vez avaliados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia oito unidades de investigação de Ciências da Comunicação.

relançado e intensificado as práticas de convivialidade e de oralidade, que se realizam no consumo, na apresentação do corpo e na música; que se realizam, também, naquilo que alguns chamam de novas tribos urbanas e suburbanas; e que se realizam, enfim, na afirmação de símbolos e de modelos juvenis (Maffesoli, 1988; Pais, 2004; Silva, 2002; Miranda, 2002).

É um facto, as tecnologias, em geral, e as novas tecnologias da informação, em particular, subvertem o quadro de conjunto em que se desenrolam as rotinas de acção da vida contemporânea. E, fazendo-o, subvertem e reconstroem, não apenas todo o imaginário infantil, como também o nosso imaginário social.

Neste entendimento, o Portugal moderno e cosmopolita é o Portugal que tem no centro do espaço doméstico a televisão, cada vez mais integrada com vídeo, telefone e computador (a televisão, que é uma máquina racional de produção e de administração de afectos, como é hoje, aliás, da natureza de todos os *media*). O Portugal moderno e cosmopolita é o Portugal que tem, também, no centro do consumo, a publicidade; no centro do lazer, a animação urbana; e, no centro da expressão juvenil, a música, a dança e o concerto. O Portugal moderno e cosmopolita é o Portugal que tem, ainda, a moda no centro da apresentação de si e o turismo e as férias no centro da evasão simbólica. O Portugal moderno e cosmopolita é, finalmente, o Portugal que tem no centro da relação de comunicação a Internet, que realiza o computador como "máquina universal", na expressão certa de Alan Turing.

### **3. Media e Cidadania**

Sendo meu intuito referir os aspectos que me parecem mais significativos da evolução e das transformações ocorridas no panorama dos *media* em Portugal, de 1974 para cá, vou circunscrever-me, todavia, à imprensa escrita e ao audiovisual, e deixar de lado várias outras dimensões da indústria cultural, no caso, o livro, o cinema e o vídeo. Farei, deste modo, um caminho paralelo àquele que foi percorrido há anos por Mário Mesquita (1994), no texto que escreveu para o livro *Portugal – 20 anos de democracia*, organizado por António Reis.

Falando do sistema de comunicação social nascido há trinta anos, devo salientar que a ideia de uma utopia da comunicação está naturalmente associada ao fim da censura exercida sobre os *media* pelo salazarismo-marcelismo e ao funcionamento livre da comunicação social na sociedade livre e democrática nascida com o 25 de Abril de 1974. Mário Mesquita (1994: 383) refere que este sistema se ergueu sobre seguintes

elementos estruturais: “a propriedade estatal da televisão; a partilha das principais estações de rádio entre o Estado (Radiodifusão Portuguesa) e a Igreja Católica (Rádio Renascença); a coexistência do sector público e sector privado na área da imprensa escrita, embora em clima de permanente guerrilha”.

Foram questões decisivas em Portugal, nos anos que se seguiram ao 25 de Abril, o debate da liberdade de imprensa e a polémica sobre controlo dos *media*. Num clima de guerrilha interpartidária, que teve como momentos paroxísticos os casos *República* e *Rádio Renascença*, ambos em 1975, eram então frequentes as greves e os movimentos de protesto contra a interferência governamental em órgãos de informação públicos. E entre estes órgãos tinha papel de destaque a RTP<sup>2</sup>.

Estas questões não foram, contudo, de modo nenhum resolvidas com o livre funcionamento dos *media*. Não o foram com a publicação da Lei de Imprensa, em Fevereiro de 1975, nem com a aprovação da Constituição da República, em Março de 1976. Assim como também o não haviam sido com a nacionalização dos *media* de referência (os jornais diários, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *O Século* e *A Capital*), que ocorreu com a nacionalização da banca e dos seguros, na sequência do 11 de Março de 1975.

Por largos anos, que praticamente se prolongaram até final da década de oitenta, a utopia de uma comunicação livre chocou não apenas com as mais variadas tentativas para a controlar, vindas aliás dos mais desencontrados sectores, como chocou também com a vontade do poder político em a instrumentalizar.

Poderei dizer, em síntese, que muitas das transformações por que passou o sistema mediático português, nos últimos trinta anos, exprimem as mudanças que sacudiram a sociedade portuguesa. Mas, por outro lado, também as aprofundou. Acontece ainda que, se nuns casos algumas dessas transformações foram de natureza endógena (por exemplo, a manhã inaugural de 25 de Abril, o fecho do período revolucionário a 25 de Novembro de 1975, a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986), noutros elas exprimiram movimentos sociais e correntes transnacionais, que ultrapassaram largamente os limites do território nacional (entre outros, os casos da implosão do bloco soviético e do conseqüente fim da Guerra Fria, em 1989, assim como as duas recentes vagas de alargamento da União Europeia, mais ligeira a primeira, em

---

<sup>2</sup> Sobre a televisão em Portugal, ver, para o período salazarista, a tese de doutoramento de Rui Cádima, publicada em livro, em 1996, com o título *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*. Também para o período salazarista, mas sobretudo para os anos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974, ver o artigo de Helena Sousa & Luís Santos (2003).

Janeiro de 1995, com a adesão de três países, mais profunda a segunda, em Maio de 2004, com a adesão de dez países).

#### 4. O poder dos *media*

Uma coisa é certa, nos anos noventa, já dificilmente os Governos conseguem controlar os *media*. O ainda recente *caso Marcelo Rebelo de Sousa*, que por alegadas pressões do poder político e económico, se viu forçado, no Outono de 2004, a cancelar o comentário político que nos últimos quatro anos ininterruptamente fez na TVI, não deixa antever qualquer mudança neste veredicto. Cada vez mais condicionados pela agenda televisiva e pela sacramental hora do telejornal das vinte horas, os políticos parecem ter perdido a guerra do controle dos *media*.

No primeiro quinquénio dos anos noventa, com os jornais *O Independente* e *Público*, também com a *TSF – Rádio Jornal*, e ainda com os canais de televisão *SIC – Sociedade Independente de Comunicação* e *TVI – Televisão Independente*, projectos jornalísticos então acabados de ser lançados (o semanário *O Independente* em 1988, o jornal *Público* em 1990, a *TSF* em 1988, a *SIC* em 1992 e a *TVI* em 1993), os *media* invertem a situação e ganham um novo protagonismo na sociedade portuguesa. Deu-se, entretanto, a total reprivatização da imprensa escrita de referência, do *Jornal de Notícias*, ao *Diário de Notícias* e à *Capital*. A *Rádio Comercial* foi também privatizada. E as rádios locais que, num primeiro momento, haviam enxameado caoticamente o espaço hertziano, sendo conhecidas como “rádios piratas”, vêem definido em 1989 o seu quadro legal, pelo que, a partir dessa data, têm as emissões legalizadas, ou em vias de o serem.

Nestas novas condições, que coincidiram com a coabitação Soares/Cavaco, os *media* como que chamam a si a iniciativa política e parecem impor-se aos políticos, condicionando-lhes a agenda. Vai neste sentido, por exemplo, a tese de Estrela Serrano (2002)<sup>3</sup> sobre as Presidências Abertas de Mário Soares, que tanto desmoralizaram o Governo de Cavaco Silva. Defende esta autora que essas Presidências Abertas foram pensadas em função da agenda da *SIC*.

---

<sup>3</sup> Tenaz arauto deste modo de fazer jornalismo, condicionando a política e impondo-se aos políticos, a *SIC* ascendeu à liderança das audiências em 1995. Como exemplo emblemático de condicionamento da política pelos *media*, lembro os seus programas, *Praça Pública* (com o cidadão comum no centro de cena) e *Noite da Má Língua* (*talk-show* de mordaz crítica política). Lembro, também, os debates moderados por Miguel Sousa Tavares e Judite de Sousa, em conjunto, ou então isoladamente. Lembro, ainda, ao nível da imprensa escrita, o papel desempenhado pelo semanário *O Independente* na queda de alguns ministros.

## 5. Imaginário trágico e melancolia

No segundo quinquénio dos anos noventa, todavia, os *media* deixaram de ser um actor preponderantemente político e passa a ter um cunho eminentemente social. Convoca as figuras de cidadão comum e de quotidiano. E dá um estatuto *kitsch* e estético à democracia. Sobretudo desde a entrada no novo século, os *media* consomem-se em sensação, emoção e sedução.

Na televisão vence o formato *Big Brother* (data de Setembro de 2000 a primeira emissão), com a *Quinta das Celebidades* a ser, em 2004, a sua expressão de ponta<sup>4</sup>. Este formato exprime a reorganização da relação do espaço privado com o espaço público, impondo no espaço público o espaço privado, quero dizer, impondo no espaço público o espaço da intimidade. Na imprensa escrita ganham importância, entretanto, os projectos jornalísticos que se voltam para a conquista de compradores, e não propriamente para a conquista de leitores. Falo dos jornais diários, de expressão nacional, *24 Horas* e *Correio da Manhã*. O *24 Horas* viu as suas vendas subirem 110% de Setembro de 1998 a Setembro de 2003; e, no mesmo período, o *Correio da Manhã* subiu as suas vendas 55%.

Surge, entretanto, um fenómeno novo no jornalismo, a blogosfera, com o primeiro blog a ser criado em Portugal em 2001<sup>5</sup>. É interessante verificar que este fenómeno irrompe fora dos *media* tradicionais e da política dos seus proprietários, pelo que também não obedece às rígidas regras do estilo redactorial. O florescimento destas experiências, e também a democratização do tratamento da imagem e do som pela utilização do vídeo digital, revelam as extraordinárias potencialidades que a nova situação propicia.

Chegados, com efeito, aos anos noventa, penso ser possível associar o funcionamento dos *media* à ideia de um trágico social. Esta ideia alude à crise da época, ao seu mal-estar, alguns dirão, à crise da modernidade (Lyotard, 1979, 1993; Miranda, 1997, 2000). Os *media* exprimem a crise da época, o seu mal-estar, mas aprofundam também esta crise e este mal-estar (Martins, 2002b)

---

<sup>4</sup> A partir de Setembro de 2000, com o “reality show” *Big Brother*, a TVI alcança a liderança das audiências em horário nobre.

<sup>5</sup> Em Janeiro de 2001, António Granado cria o primeiro blog. Em Fevereiro de 2002, o curso de mestrado de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho cria também o seu blog. É a partir de 2003 que o fenómeno blog se generaliza, quando várias figuras públicas, entre as quais Pacheco Pereira, criam um blog pessoal. O primeiro encontro nacional de blogs realiza-se ainda no Verão de 2003, na Universidade do Minho.

Esta tendência está associada à perda de influência da imprensa escrita e à hegemonia crescente do audiovisual, designadamente à hegemonia da televisão<sup>6</sup>. Os meios de comunicação social como que nos falam de um *fatum* que se abate sobre a comunidade e que ribomba constantemente por cima das nossas cabeças. Os *media*, sobretudo a televisão, deixaram praticamente de se ocupar de informação. Ocupam-se antes das últimas do destino, seja *da última fatalidade* (quedas de pontes, incêndios nas florestas, infanticídios sórdidos, calamidades naturais, reformas douradas de políticos, suspensão de obras em túneis viários, encerramentos de túneis ferroviários), seja *da última bem-aventurança* (derramada na terra por um pontapé que tenha levado uma bola de futebol às redes de uma baliza, ou por um qualquer loto ou *jackpot*, nacional ou europeu), uma e outra chegadas de Delfos, a todo o instante, e proclamadas pela voz do Tirésias de serviço, cujo castigo já não é a cegueira, mas o regresso quotidiano ao torvelinho desse melancólico lugar.

## 6. Um corpo em ruína

A ideia de um trágico social anda associada hoje à ruína do corpo na sociedade contemporânea. E com corpos individuais em ruína e com corpos sociais igualmente em ruína, a comunidade vive melancolicamente. Por sua vez os *media* exprimem e aprofundam esta melancolia.

A comunidade apresenta-nos hoje, de facto, *corpos individuais em ruína efectiva*. Desses corpos fazemos um estaleiro para dietas, limpezas, liftings, implantes e próteses. Mas este corpo, em ruína efectiva, *sonha melancolicamente* com os modelos das *passerelles* da moda, com os modelos fotográficos, com o *glamour* das estrelas de

---

<sup>6</sup> Diga-se, todavia, que a hegemonia do audiovisual sobre a imprensa escrita não é em Portugal um fenómeno recente. Segundo números divulgados pelo *Conselho de Imprensa*, e referidos por Mário Mesquita (1994: 384), Portugal tinha no início da década de oitenta a mais baixa capitação de jornais diários da Comunidade Europeia (45 jornais por dia em cada mil habitantes, contra 79 jornais em Espanha e 102 jornais na Grécia). Além disso, já por toda a década de oitenta havia em Portugal uma tendência para a diminuição gradual da venda dos jornais: em 1983, vendiam-se 136 milhões; em 1984, 127 milhões; em 1985, 110 milhões.

De acordo com dados relativos ao ano de 1983, divulgados pelo *Group European of Audience Researchers* (*apud* Mesquita, 1994: 385), Portugal situava-se no último lugar, entre dezassete países europeus, no que se refere à utilização diária da televisão, rádio e imprensa, sendo também no nosso país que se verificava a maior distância entre a audiência do audiovisual e da imprensa escrita. Em 1983, os valores médios de utilização diária dos *media* em Portugal foram de 71% para a TV, 37% para a rádio e 19% para a imprensa, quando em Espanha os valores médios de utilização diária dos *media* foram de 80% para a TV, 61% para a rádio e 34% para a imprensa. Esta situação apresenta um significativo contraste com o que se verificava em países do Norte da Europa. Na RFA, os valores foram os seguintes, no mesmo ano de 1983: 80% para a TV, 76% para a rádio; 84% para a imprensa. E na Grã-Bretanha foram: 72% para a TV, 53% para a rádio, 83% para a imprensa.

cinema e com o corpo ginasticado dos desportistas. Ou então, sonha melancolicamente com as viagens tranquilas e sem risco, que as novas tecnologias e os *media* lhe prodigam em fartos borbotões ao reino da evasão, do exotismo e do fantástico (Martins, 2003).

Por outro lado, a comunidade apresenta-nos *um corpo social também em efetiva ruína*: a persistente abstenção eleitoral traduz e aprofunda a crise do sistema representativo; o rotativismo dos partidos no poder não traz nenhuma nova política, nenhuma alternativa; os indicadores de participação e de cidadania estão no seu ponto mais baixo<sup>7</sup>. E, no entanto, este corpo social em ruína *sonha melancolicamente*. Do ideal democrático sobra-lhe apenas um efeito estético, uma exaltação, uma indignação, seja em casos de gestão danosa, corrupção e tráfico de influências (os casos *Moderna e Apito Dourado*), seja em casos de corrupção de menores e de lenocínio (o caso *Casa Pia*), seja em casos de alarme social, provocado pela multiplicação das casas de alterne em aldeias recônditas (o caso *Mães de Bragança*), seja em casos de ilegítima pressão governamental sobre a comunicação social para a condicionar (casos *Marcelo Rebelo de Sousa* e *Diário de Notícias*).

Eu diria, com as palavras de Lyotard, e concluo o meu ponto de vista, que este corpo, que se consome em melancolia, não exprime nenhuma finalidade. Exprime apenas o seu sofrimento, “um sofrimento de finalidade” (Lyotard, 1993: 93). No entanto, é também verdade que o trauma provocado pelo desaparecimento da confiança na comunidade histórica, assim como a melancolia que acompanha a banalização da vida, essa vertiginosa sensação de um trágico sem tragédia, além da própria impossibilidade de anulá-los, reclamam que nos recoloquemos no horizonte de uma comunidade partilhada, pois é nesse horizonte que se joga a salvaguarda das possibilidades da (a)ventura humana (Agamben, 1993).

---

<sup>7</sup> Este diagnóstico levou Michel Maffesoli a falar, já em 1992, de “transfiguração do político” e de “tribalização do mundo”.

**Referências bibliográficas**

- AGAMBEN, 1993 [1990], *A comunidade que vem*, Lisboa, Presença.
- CÁDIMA, Rui, 1996, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença.
- CASTELLS, Manuel, 2002 [1996], *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, I. *A sociedade em rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- DERY, Mark, 1996, *Escape velocity. Cyberculture at the end of century*, New York, Grove Press.
- DONNAT, Olivier, 1994, *Les Français face à la culture. De l'exclusion à l'éclectisme*, Paris, La Découverte.
- KERCKHOVE, Derrick de, 1997 [1995], *A pele da cultura*, Lisboa, Relógio d'Água.
- LASH, Scot, URRY, John, 1994, *Economies of signs and space*, London, Sage,
- LYOTARD, Jean-François, 1984 [1979], *A condição pós-moderna*, Lisboa, Gradiva.
- LYOTARD, Jean-François, 1993, *Moralités post-modernes*, Paris, Galilée.
- MAFFESOLI, Michel, 1988, *Le Temps des Tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés modernes*, Paris, Klincksieck.
- MAFFESOLI, Michel, 1992, *La Transfiguration du Politique. La tribalisation du monde*, Paris, Gasset.
- MARTINS, Moisés de Lemos, 2002a, *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- MARTINS, Moisés de Lemos, 2002b, “O trágico como imaginário da era mediática”, in *Comunicação e Sociedade*, NECS, n. 4, pp. 73-79.
- MARTINS, Moisés de Lemos, 2003, “Por uma democracia a vir. A televisão de serviço público e a sociedade civil”, in Manuel Pinto (Org.) *Televisão e Cidadania*, NECS, Universidade do Minho, pp. 9-12.
- MESQUITA, Mário, 1994, “Os meios de comunicação social – O universo dos media entre 1974 e 1986”, in António Reis (Ed.), *Portugal – 20 anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 360-396.
- MESQUITA, Mário, 2003, *O Quarto Equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*, Coimbra, Minerva.
- MIRANDA, J. Bragança de, 1997, *Política e modernidade. Linguagem e violência na cultura contemporânea*, Lisboa, Colibri.

- MIRANDA, J. Bragança de, 1999, “Fim da mediação? De uma agitação na metafísica contemporânea”, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 25, pp. 293-330.
- MIRANDA, J. Bragança de, 2002, *Teoria da Cultura*, Lisboa, Século XXI.
- MORIN, Edgar, 1994 [1984], *Sociologie*, Paris, Fayard.
- PAIS, J. Machado & BLASS, Leila (Org.), 2004, *Tribos Urbanas. Produção artística e identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- PINTO, Manuel, *et al.*, 2000, *A comunicação e os media em Portugal (1995-1999)*, Braga, Universidade do Minho.
- REINGOLD, Howard, 1994 [1991], *Realidad virtual*, Barcelona, Gedisa.
- SERRANO, Estrela, 2002, *As Presidências Abertas de Mário Soares*, Coimbra, Minerva.
- SILVA, Augusto Santos, 2002, *Dinâmicas Sociais do Nosso Tempo*, Porto, Editora da Universidade do Porto.
- SOUSA, Helena & SANTOS, Luís, 2003, “RTP e serviço público. Um percurso de inultrapassável dependência e contradição”, in Manuel Pinto (Org.) *Televisão e Cidadania*, NECS, Universidade do Minho, pp. 55- 75.
- VATTIMO, Gianni, 1991, *A sociedade transparente*, Lisboa, Edições 70.